



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL.—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Maclel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 230 (300 reis)
Um anno 460 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)

O CATORZE DE MAIO

Não daremos uma novidade a ninguém afirmando que o recente movimento político insurreccional foi, inicialmente e fundamentalmente, obra dum partido que se agarra ao poder e não o quer ver perdido para sempre ou para muito tempo, nem está disposto a consentir facilmente que lhe arruinem a influência política e a máquina eleitoral trabalhosamente montada durante a temporada de governo. E daí a indignada campanha contra a ditadura, que aliás todos os partidos exercem franca ou abertamente, contra este ou contra aquele.

Se, porém, a ditadura se tivesse limitado a escangalhar a máquina partidária afonsista, impedindo a reunião da maioria parlamentar, dissolvendo corporações administrativas renitentes, substituindo funcionários e autoridades, tirando postas aos adversários para as dar aos aliados próprios, era provável que o povo se tivesse desinteressado dessas coisas, que são lá entre os políticos; ou pelo menos que a revolta não tivesse passado dum tentativa malograda, a qual não teria encontrado nem a adesão entusiástica dos soldados, nem a froixa e desordenada resistência dos oficiais, nem o espirito público em grande parte favorável.

dos rialistas tinha ultimamente despertado a suspeita ou torção de uma traição contra a República.

Na questão clerical, por exemplo. A Lei de Separação tem abusos de intervencionismo estatista que, por amor à liberdade, não por amor à Igreja, devem deixar de constituir um precedente perigoso e de proporcionar à reacção religiosa uma aparência de razão e de justiça. Para seu bem, os republicanos devem apagar essa culpa inicial, fazendo-o, porém, de modo que isso seja o reconhecimento espontâneo dum erro e uma generosa afirmação de liberdade. Ora as concessões nesse ponto feitas e prometidas pelo ministério Pimenta de Castro pareciam dadas e recebidas, não como vitórias da liberdade e do bom senso, mas como arrogantes imposições e conquistas triunfais da reacção clerical, festejadas com composas manifestações de força.

O mesmo com a amnistia aos presos políticos. Não só não se estendeu aos presos por questões sociais, o que muito irritou os operários organizados, mas veio mais como um gesto triunfante da monarchia restaurada do que como uma generosidade da República robustecida, generosidade aliás inevitável, pois as penas por motivos políticos não podem manter-se por muito tempo. Os amnistiados vieram, com ares provocantes, pavonear-se como os triumphadores da hora e os senhores da situação.

Nos seus jornais, os rialistas empregavam uma linguagem de ameaça e de provocação. Incitavam o governo a reprimir, diziam ao general que vestisse a farda, achavam-no ainda demasiadamente mole, prometiam um futuro próximo cheio de vinganças, lembrando-se decerto do tempo em que, senhores do poder, recomendavam às tropas, em documentos officiais, boa pontaria contra os manifestantes «para que as munições não fôsem perdidas»!

Inauguravam ruidosamente centros, gritando aos quatro ventos os seus títulos nobiliárquicos—que inspiram, assim co-

mo os padres, a maior antipatia ao povo das cidades. E a policia protegia-os até nas suas provocações e violências, espancando apenas os que davam vivas á... Republic! Em suma: os monarchicos julgavam e proclamavam que o exercito amparava firmemente o governo, para onde quer que ele fosse, e que o povo, fadado de republica, estava a seu lado.

Os próprios partidos republicanos que apoiavam o ministério Pimenta de Castro haviam começado ou a manifestar vacillações e desconfianças ou a retirar francamente o seu apoio (como fizeram os unionistas). O gabinete parecia governar apenas com os aplausos e simpatias dos monarchicos.

E a nomeação de rialistas confessos para lugares de confiança do governo, para a chefia de distritos, dando origem a conflitos como os de Évora e Coimbra, em que todos os republicanos se uniram contra autoridades firmemente mantidas pelo ministério, acabava de dar uma força singular a todas as desconfianças e acusações.

Foi isso o que, para o povo, deu sentido à «ditadura» e preparou o ambiente favorável ao golpe dos revoltosos. E esse apoio popular e a adesão comunicativa dos simples soldados, muitos dos quaes desertaram para os rebeldes, prova que o próprio governo Pimenta de Castro não teria podido restaurar a monarchia, se tal tivesse sido o seu intuito. Se os monarchicos não ficam desta vez convencidos—é porque são duros de entendimento. Ao menos a revolta deu essa lição, dando que outra utilidade não tenha tido...

Imperialismo Pseudo-Revolucionário

O poeta Maurice Bouchor, colaborador de *La Bataille Syndicaliste*, diz numa das suas estrofes:

«Pesa sobre elles um passado acabrunhador;—seria mais meritório libertarem-se dele sózinhos;—mas a tarefa é dura, e com a nossa vitória,—temos que ajudar esses desgraçados».

Quanto orgulho patriótico não revelam estas frases! No fundo, aquilo é imperialismo—a contradição, a negar, a destruir a ideia revolucionária que parece exprimir.

O que Bouchor e outros francezes alegam é o que serviu de pretexto aos social-democratas—ou antes, aos chefes social-democráticos—para justifiarem e dignificarem a guerra: a salvação dos russos. Ao que os revolucionários russos responderam muito bem que disso se encarregariam eles mesmos.

Guerra de defesa, guerra de libertação, guerra pró socialismo, guerra antimilitarista, antiimperialista, antiguerreira, antisarista... E a guerra, afinal, nem sequer resolve os mais comezinhos problemas nacionais, as mais simples questões entre Estados!

Pode vir uma revolução como reacção contra uma guerra desastrosa? Mas para que ela não seja uma mera explosão de cólera patriótica, os revolucionários tem de manter em toda a parte a sua opposição aos governos e à guerra, para não ferir de contradicção o seu movimento, para não fortalecer o seu governo e para não dar aos dirigentes dos países «inimigos» eficazes instrumentos de reacção e de divisão entre os povos,

PANGERMANISMO E PANSLAVISMO

O perigo alemão e o perigo russo

Considerando a humanidade occidental, incluindo a América, os povos românicos, germânicos e anglo-germânicos, como a porção mais civilizada e relativamente mais liberal do mundo, achamos na própria Europa um ponto negro que ameaça essa civilização e essa liberdade. Esse ponto é um mundo inteiro, o mundo eslavo, que até aqui tem sido quase sempre a vítima, raramente o herói e ainda menos o triunfador da história, tendo sido successivamente escravo dos hunos, dos turcos, dos tártaros e sobretudo dos alemães. Hoje, levanta-se, agita-se, organiza-se espontaneamente, cria lentamente uma potência nova e começa a reclamar em alta voz o seu lugar ao sol. O que torna as suas reclamações ainda mais ameaçadoras é que na extremidade oriental do Continente europeu há um imenso império de mais de setenta milhões de habitantes meio eslavos, meio finoes e em parte alemães e tártaros, despótico em extremo, fundando o seu enorme poderio tanto sobre a sua posição geográfica inacessível como sobre a massa dos seus camponeses inúmeros, e levantando contra a bandeira de pangermanismo, arvorada de maneira tão nociva para a liberdade de todo o mundo pelo patriotismo moderno no seu aspecto mais fanático, o Pan Slavismo.

Em todas as suas publicações actuais, os alemães zombam, ou antes, fingem zombar dele. Porque, por mais enfadados que estejam com as vitórias fáceis que a sua disciplina tradicional e a sua moralidade de escravos voluntários acabam de alcançar sobre a desorganização e desmoralização apenas transitórias da França, eles bem sabem, e há muito tempo, que se há um perigo verdadeiramente temível para elles, é aquele com que os ameaça o Oriente eslavo.

Tam bem o sabem, que não há raça que elles mais detestem; em toda a Alemanha, exceptuando o proletariado alemão quando não é desencaminhado pelos seus chefes e exceptuando a imensa maioria dos camponeses alemães que não estão em contacto immediato com os camponeses eslavos, esse ódio é um sentimento universal e profundo. Os alemães detestam essa raça por todo o mal que lhes fizeram, por todo o ódio que com sua secular opressão lhe inspiraram e pelo terror instintivo e irresistível que lhes causa o seu despertar. Este grande odio mútuo, mesclado de terror dum lado e dum desejo deplorável de vingança do outro, perturba o espirito dos alemães e leva-os a cometerem muitas injustiças e tolices.

Porque não seguem os alemães o exemplo da Inglaterra? Porque não procuram ganhar as simpatias das populações eslavas com o mais completo reconhecimento da sua liberdade? Em vez disso, que fazem? São eles mesmos que empurram os povos eslavos para os braços do Tsar de todas as Rússias com essa ameaça odiosa dum germanização forçada e do aniquilamento da raça eslava inteira na grande centralização do Estado Pangermânico. É ao mesmo tempo uma grande iniquidade e uma grande asneira.

E infelizmente não são só os conservadores, nem mesmo os liberais moderados e progressistas da Alemanha que profereem tal ameaça; esses, pelo contrario, neste momento, cuidam bem pouco das coisas eslavas, absorvidos

como estão na contemplação dos seus triumphos patrióticos. Não; são os republicanos, que digo eu? são os operários do partido da Democracia-socialista da Alemanha que, a exemplo dos seus chefes, confundido o Pangermanismo com o Cosmopolitismo, pretendem que as populações eslavas da Austria venham livremente dissolver-se no grande Estado Pangermânico e pseudo-popular.

Esperemos que o Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, que tam bem compreendeu a questão irlandesa, como acaba de provar tomando o partido da autonomia da Irlanda contra a hegemonia da Inglaterra, esperemos que, inspirado pelos mesmos principios e levado pelo mesmo sentimento de equidade humanitária, dê aos seus amigos e aliados intimos, os chefes do partido da Democracia socialista da Alemanha, o conselho de reconhecer quanto antes, com todas as suas consequências políticas, económicas e sociais, a completa liberdade de todas as populações eslavas.

Se o não fizer, provará que dirigido principalmente por alemães, só compreende a justiça e a humanidade quando não estão em opposição com as miras desmedidamente ambiciosas e vaidosas dos alemães; que, como os chefes do partido da Democracia-socialista, pelo menos a respeito da raça eslava, confunde também Pangermanismo com Cosmopolitismo; confusão deplorável absolutamente contrária aos mais fundamentos que só pode servir a reacção.

Sim, a reacção, porque, mais uma vez o repito, a consequência inevitável de tal politica é lançar todas as populações eslavas da Europa nos braços do Tsar russo. E então arguer-se há uma luta formidável entre o Ocidente desorganizado e desmoralizado da Europa e o Oriente eslavo moralizado, isto é, unido pelo odio aos alemães.

Será uma verdadeira catástrofe para a humanidade; porque supondo mesmo que os alemães triunfem a principio, o que não é absolutamente provável, terão que manter os eslavos na escravidão pela força, terão que sacrificar tudo ao desenvolvimento formidável da sua força armada, terão, em suma, que continuar a formar um poderoso Estado militar, isto é, terão que permanecer também escravos e um atentado permanente contra a liberdade de todos os países da Europa. E ao mesmo tempo um resultado inevitável e uma demonstração triunfante dessa lei de solidariedade que é a lei fundamental da humanidade.

Se pelo contrario triunfarem os eslavos, sob a bandeira do Tsar da Rússia, estará a humanidade perdida por muito tempo. Resta, pois, uma única via de salvação para os alemães e para todo o Ocidente da Europa: é libertar, é revolucionar os povos eslavos quanto antes, incluindo o próprio império da Rússia. Fora dêsse meio, só pode haver triumpho para a mais implacável, a mais brutal, a mais desumana das reacções. Fora dêsse meio, só poderemos ir parar ao termo de toda a civilização humana, durante muitos séculos pelo menos.

MIGUEL BAKUNINE.
(A Teologia politica de Mazzini e a Internacional, 1871).

Quando em nome da revolução se quer fazer estatismo, seja embora estatismo provisório; faz-se reacção e trabalha-se pelo despotismo, não pela liberdade; pela instituição do privilegio, contra a liberdade.
MIGUEL BAKUNINE.

Notas de perto

VI
Meu caro C.

Espero que o facto de te ir apontando e transcrevendo mais gloriosas proezas dos chamados países aliados do que dos teutões não será motivo para me julgares defendendo as ordas turco-austro-alemãs. Para esse efeito tens tu relatos em barda na mercenária imprensa diária e, porque são muito parciais, o meu fim é contribuir para demonstrar-te que todos eles se igualam, que todos padecem das mesmas culpas e que todos rasovelmente contribuíram para estes e muitos semelhantes acontecimentos. Casos (factos, era mais exacto) temos lido relatados por insuspeitos que demonstram até que os alemães nem são tão maus como os pintam.

«O Glasgow Herald, de 20-4-1915, publica uma vivida descrição da batalha de Neuve Chapelle, na qual lemos que «os alemães tem o monopólio de acabar cruelmente com os feridos.» No mesmo jornal, e da mesma data, o seu correspondente especial em França, Mr. Philip Gibbs, conta que um soldado francês lhe dissera: «Arremessamo-nos sobre os alemães desmoralizados, forçando o novo caminho por entre os mortos e os feridos e reparei—sem me incomodar muito, confesso—que muitos se erguiam levantando as mãos sem encontrarem misericórdia. Nós tínhamos cortos e, pelos seus, nós matamos tantos quantos pudemos.»

No dia seguinte, 20, Eye Witness transcrevia de um diário de um official alemão para o mesmo jornal: «A vista das trincheiras e a fúria—para não dizer a bestialidade—dos nossos soldados para espancar os feridos ingleses affectaram-me tanto que para o resto do dia me não senti apto para qualquer coisa.» e de uma carta de um alemão o mesmo individuo cita: «Mas eles obtiveram misericórdia! As coronhas foram voltadas, avançamos para elles e os saos fugiram. Nem prisioneiros fizemos.»

Estes factos são recentes, mas por outros mais antigos talvez tenhamos occasião de observar que os alemães, mais do que muitos outros, são quem menos desejava a guerra e dos que para ella talvez menos contribuissem.

Deixa no entretanto passar a um criminoso caso de patriotismo. Leão Gambetta era o nome de um estadista francês no periodo 70-71, que attingindo uma grande popularidade veio a morrer de um accidente. Não julgues que te vou por isso falar d'ello. Não.

Os francezes para honrar a sua memória deram este nome a um magnifico (carissimo) cruzador coraçado que ha poucos dias foi afundado nos estreitos de Otranto por um submarino austriaco, o U5. Deves ter lido.

A ironia do destino quis que o desaparecimento de um homem ou de uma fortaleza flutuante com o mesmo nome, fosse brusca e por isso sentida pelos seus admiradores; e eu, que o não fui muito quer de um quer do outro, tambem senti muitissimo o desaparecimento deste ultimo. Comevou-me até demasiado o facto de 600 jovens marinheiros da sua tripulação perderem num momento a vida, afundando-se com o navio que era uma das melhores esperanças dos aliados.

Agora outra ironia do destino que eu desejo que tu observes: Segundo diz *The Naval Pocket Book*, pg. 24, o submarino U5 foi construido em 1909 10 pela «Whitehead & Co. de Fiume, na Hungria. E quem é este Whitehead ou a firma a que este nome deu

origem? Vamos a uma pequena Enciclopédia, barata, e encontramos: «Robert Whitehead (1828-1895), inventor do torpedo Whitehead, era nativo de Boltou, perto de Manchester, Inglaterra. Construiu o seu primeiro torpedo em 1866 que foi comprado e adoptado pelo governo Austro-Hungaro e mais tarde pelo inglês e outras armadas do mundo.»

Como vê, o inventor do submarino U5 que meteu com tantas vidas a *Gambetta* no fundo foi um inglês que vendeu o seu invento a um inimigo da sua pátria que hoje tanto prejudica e os que com ela se aliaram, constituindo-se até na Hungria uma casa construtora a que o seu nome estava intimamente ligado.

Mas espera; noutros recortes encontramos que até, pelo menos, quando a presente guerra estalou, era director gerente desta firma, na Hungria o capitão-tenente da armada inglesa, Arthur Trevor Dawson Night, que este cavalheiro da industria guerreira era já director-gerente quando este submarino U5 foi construido naquelas oficinas e que outros do mesmo tipo e da mesma procedencia são dos que tão cruelmente (é a guerra) tem feito o bloqueio da costa da sua pátria.

Este desinteressado patriota recebia instruções do seu chefe Mr. Albert Vickers, de Mr. Henry Whitehead, de Mr. Saxton W. A. Noble (da Armstrong, Whitworth & C.º, Ltd) de todos que tem estado ligados por monetários interesses com a «Whitehead & C.º» ou em relações por meio da sucursal da English Company, na Hungria.

Este mesmíssimo, da força do qual por aqui pululam muitíssimos, concluiu um discurso no «Junior Institute of Engineers» em 1909, com estas inflamadas patrióticas palavras:

«Nós esperamos, com muita confiança, que os nossos estadistas cumprirão a vontade do povo tornando supremas as nossas forças defensivas, para salvaguarda do domínio dos mares que é de vital importancia no mais alto grau para o novo imperio, para as nossas nossas amigas de alem mar, assim como para a nossa mãe pátria.»

Um mez depois (era no decurso de uma campanha para aumento de armamentos), conforme foi dito na imprensa, a firma Vickers tinha recebido a mais nesse ano encomendas de mais de 3 milhões de libras, desses estadistas a quem ele se dirigia.

Ah! amigo, como é doloroso constatar a cegueira dos trabalhadores, que não vêem facilmente que o seu próprio inimigo está junto a ele e é sempre o que injustificadamente lhe pede ou exige sacrificios para coisas desnecessárias a vida do povo da sua como das outras pátrias!

Como é lamentavel que só se apontem como criminosos uns tantos, quando muitíssimos outros também premeditaram os crimes em que até querem ver envolvidas as consciencias mais puras!

Lisboa, 18-5-1915

Teu

H. QUESARIO

Coisas historicas

17-1913—Em Toul (França) os soldados do 153 de infantaria manifestaram-se violentamente contra a lei dos 3 anos de serviço militar.

18-1899—Realiza-se em Berlim a primeira sessão do congresso nacional dos pedreiros.

19-1759—Por iniciativa do Marquês de Pombal funda-se em Lisboa uma aula de comércio.

20-1888—Sai, em Florença, (Itália) o primeiro numero dum semanário anarquista com o titulo, *A Questão Social*.

21-1903—Caetano Bressi, que deu cabo do rei Humberto I para vingar as vítimas de Milão, suicida-se na enxovia onde estava encerrado.

22-1914—Termina em Espanha a greve do pessoal da marinha mercante, pois os grevistas aceitaram a proposta governamental que lhe concedia a maior parte do que reclamavam.

23-1913—E' preso arbitrariamente, em Coruche, e sob a acusação de fazer intensa propaganda sindicalista, o activo organizador dos rurais, Manuel Ferreira Quartel.

Notas Rubras

Os acontecimentos últimos

Mais uma luta fratricida encheu de sangue esta desgraçada terra portuguesa.

O luto e o dôr pairam, torturantes, em imensos lares.

Que tristeza e que amargura eu sinto nesta hora ao presenciar os efeitos dessa peleja encarniçada!

Tanto sangue derramado e tantas vidas ceifadas por motivo do egoismo e das ambições humanas!

E ficaremos por aqui? Oxalá!

Ao menos, que sirva de exemplo a todos a tragédia que ha pouco se desenrolou.

Porque o povo, o eterno martir de todos as catástrofes, é sempre quem mais sofre com os embates das forças que desejam o predomínio da humanidade...

Pessima orientação

Algumas associações operárias de Guimarães incorporaram-se noutro dia em certo cortejo religioso que naquela cidade, foi organizado por ocasião da visita do arcebispo de Braga.

Lastimo profundamente o condenavel gesto das referidas colectividades, pois que um sindicato proletário, sendo um agregado de trabalhadores do mesmo officio, deve conservar-se neutro em matéria politica ou religiosa.

Alem disso estranho que os dirigentes dos mencionados sindicatos ainda não possuam a orientação que deviam ter para não ignorarem que o clericalismo tem sido e será uma forte escora do Estado social burgues, tão pernicioso á emancipação dos produtores, e contra o qual as associações de classe conspiram...

C. RODRIGUES.

Emancipação

da mulher

Os camaradas da comissão de propaganda do N. J. L. de Lisboa, deliberaram realisar na sua sede uma série de sessões de propaganda educativa dedicadas ás mulheres.

A resolução destes camaradas muitissimo me satisfiz, pois veio provar que os homens começam a interessar-se por um problema de grandissima importancia: a emancipação da mulher. Por mim só tenho a aplaudir tam bela iniciativa, ansjando apenas que por toda a parte os homens de sentimentos generosos a secundem, para assim a mulher conseguir elevar-se moral e intelectualmente ao nivel do seu companheiro: o homem.

E assim, acho bem cabidas, aqui, as seguintes palavras de Soledad Gustav, que deixo á apreciação dos citados camaradas como ponto de partida para a sua obra sublime:

«A mulher é escravizada desde a sua infancia, só a abolição completa da exploração do homem pelo homem, a poderá emancipar.

O deploravel atraso intelectual, em que a mulher se encontra, atrazo fomentado pelas múltiplas preocupações que lhe infiltraram no cérebro os seus escravizadores, leva-a, pela rotina e pela ignorância baseadas no fanatismo estúpido, a supor que não deve participar das lutas sociais. Ora isto tem sido uma barreira poderosa á nossa emancipação; as mais firmes vontades do homem tem ali emperrado, o que o fés vencer de que se não se lhe ensinar o caminho da sua dignificação, se a mulher se conservar submissa e escrava, os seus esforços para conseguir melhores dias serão inuteis...»

Eis a opinião da distinta escritora e que sob todos os respeito me parece muito justa. O homem deve esforçar-se tanto quanto possível para aplanar o caminho á sua companheira afim de ella ocupar o lugar que lhe compete.

Ao fazer aquela transcrição

apenas tive em vista incitar uns e outros ao cumprimento dos seus deveres, para que a emancipação da mulher, como de toda a humanidade, seja um facto o mais breve possivel.

Lisboa, 26-4-1915.

ELVIRA LOPES

Prenúncios de uma paz falsa

Apesar da conflagração se complicar, não raras vezes se tem falado de paz, de uma paz honrosa e sem quebra de dignidade para todos os beligerantes. Nesta altura da contenda não podemos conceber semelhante possibilidade. Todavia, os estados maiores talvez a desejem no seu íntimo como uma questão de tática, pois têm sido sempre uma questão de tática os acordos pacíficos assinados nas convenções internacionais.

Como esta guerra tem arruinado imenso os Estados em luta, já de si sobrecarregados das lutas anteriores; como os empréstimos se têm sucedido uns após outros para satisfazerem os trinta mil contos gastos diariamente, um interregno agora não era mau para se refazerem das forças perdidas, tanto em vidas como em dinheiro, e mais para diante recomençar-se novamente o trabalho interrompido de conquistas.

Para essa paz falsa ser honrosa, como a deseja sua santidade, representante de deus na terra, que, ao que dizem, parece procurar uma colaboração do Governo holandês para a mediação pacífica entre os países guerristas, bastaria que estes se entendassem da seguinte maneira: a Inglaterra ficar com todas ou quase todas as colónias alemãs da Africa para dotar o seu vasto poderio colonial; a França ficar com a sua Alsácia Loréna reconquistada e a parte norte do seu continente livre de alemães; e a Rússia ficar com a provincia da Galícia para a anexar ao seu colossal império.

Sérvia, a sua vez, contentar-se com a sua independencia e com os seus trabalhos de reconstrução e organização. A respeito de indenisações, como todos os beligerantes estão falidos ou quase falidos, o melhor seria esperar para mais tarde. Assim, a Alemanha ficaria sem a Alsácia-Loréna e as suas colónias na Africa, mas em compensação o seu império continental ficava de pé, livre das duras provas de destruição porque passaram a Bélgica e todo o norte da França. A Austria continuaria aliada aos germânicos para a futura desforra. Resta-nos a Turquia: esta atiraria á devoração dos aliados, para repartirem entre si como melhor entendessem, qual-quer pedaço da Asia, ficando com o encargo de aceitar o regimen das recapitulações e a abertura para sempre dos Dardanelos.

Era uma paz honrosa, embora efémera, para todos os litigantes. Porque a paz perene e verdadeira, essa é impossivel enquanto subsistir a supremacia dos Estados.

As fábricas *Waffenfabrik, Krupp, Creusot, Chantillon-Commeny*, etc. com os seus estaleiros para a construção de couraçados e submarinos, têm de dividir anualmente os seus fabulosos dividendos. Fechando estas importantíssimas fábricas da morte, a metalurgia destruidora desapareceria e o seu pessoal-parasitário de engenheiros e directores e subdirectores, composto de militares de todas as categorias e gradações morriam á mingua. Os Estados tem de fazer novas encomendas de canhões e metralhadoras, de armas e navios, de pólvora e aço para essa industria não morrer e para os dividendos aumentarem e serem distribuidos internacionalmente pelos imperadores, ministros, financeiros, deputados e militares de alta patente. Desenvolvidos o comércio de importação nos novos portos conquistados na Africa ou na Ásia, são indispensaveis outros para mais fácil saída de produtos comerciais e industriais.

A paz, portanto, é impossivel enquanto o povo não a assistir com o seu esforço e com a sua solidariedade, sem a colaboração dos homens de Estado nem da sua diplomacia.

SECÇÃO LITERÁRIA

Dizeres do Povo

—Palavras, leva-as o vento,
Costuma dizer a gente.
Leva-as, espalha-as, semela-as:
Faz como aos grãos de semente.

—Chão pisado não dá erva.—
Povo rude, humilde e chão,
E's pisado: e a quem te pisa
Dás o melhor do teu pão!

—O que arde cura.— Talvez.
Mas a doçura tambem:
Se tens balsamo, não toques
Com ferro em-braza em ninguém.

—Chega-te aos bons e serás
Um dos bons.— Depois de o sares
Chama a ti os maus; e fás-los
Eguais a ti, se poderes.

A Correia d' Oliveira

SANTA BAYA DE CRISTAMILDE

Scenas de histeria

I

D. Micaela de Ponte y Andrade, irmã de meu avô, tinha os demônios no corpo, e como os exorcismos não bastavam para a curar, decidiu-se em conselho de familia, presidido pelo abade de Brandoso, levá-la á romaria de Santa Baya de Cristamilde. Servimo-lhe de escolta eu e um criado velho. Saímos no meio da tarde para chegarmos á meia noite, hora em que se celebra a missa das endemoninhadas.

II

Santa Baya de Cristamilde está do outro lado do monte, lá nos areais onde ruge o mar. Todos os anos acodem á sua festa muitos devotos. Por vezes, ao longo da verêda, acha-se um mendigo que caminha arrastando-se, com as canelas lançadas para as cobbeas á busca dum barco. Ao longe levanta-se o latido dos cães vigilantes nos palheiros. Vai surgindo a lua e o môcho canta escondido num castanhal. Quando começamos a subir o monte é noite cerrada, e o criado, afim de arrear os lobos, acende uma lanterna. Adiante vai uma caravana de mendigos; ouvem-se as suas vozes zombeteiras e incrédulas; como um cordão de vermes, arrastam-se ao longo do caminho. Uns são cegos, outros tolhidos, outros lazarentos. Todos eles comem pão alheio. Vão pelo mundo sacudindo vingativos a sua miséria e raspando as suas podridões á porta do rico avaro; uma mulher dá o peito ao filhinho, coberto de lepra; outra empurra o carro de um paralytico; nos alforjes de um burro velho e cheio de mataduras vão dois monstros: as cabeças são disformes, as mãos palmipedes.

Ao descer do monte, o caminho converte-se num vasto areal de áspera e estalidante areia. O mar despedaça-se nas restingas, e de vez em quando uma onda gigante passa sobre o lombo disforme dos penhascos que a resaca deixa a seco; o mar de novo se retira rumorejante, e além nos confins, torna a erguer-se negro e apocaliptico, encimado de flocos brancos; guarda no seu fluxo o ritmo poderoso e misterioso do mundo. A caravana de mendigos descansa estendida pelo areal. As endemoninhadas lançam gritos estridentes, subindo a lomba onde fica a ermida e coatham espuma as suas bocas blasfemas: os devotos aldeãos que as conduzem tem que as arrastar. Sob o céu nublado e sem lua, gransnam as gaiotas. São as doze da noite e começa a missa. As endemoninhadas gritam, retorcendo-se:

—Santa tinhosa, arranca os olhos ao abadel!

E com os cabelos desgrenhados e os olhos a saltar, lutam por ir até ao altar. Aos mais robustos aldeãos é custoso sujeitá-las; as endemoninhadas berram roucas, com os corpetes rasgados, mostrando a carne lívida dos ombros e dos seios; entre os dedos ficam-lhes enredadas madeixas de cabelos. Os gritos sacrilegos

não cessam durante toda a missa.

—Santa Baya, tens um cão raro que te visita na cama!

Terminada a missa, todas as possessas do espirito maligno são despojadas das suas roupas e levadas ao mar, envoltas em lençóis brancos. As endemoninhadas em frente das ondas, uivam e resistem, enterrando os pés na areia. O lençol que as cobre cai, e a sua lívida nudez surge como um grande pecado lendário, febricitante e triste. A onda negra e orlada de espumas ergue-se para as tragar, e sobe pela praia, e despenha-se sobre aquelas cabeças desgrenhadas e aqueles ombros tirantes. O páldio pecado da carne estremece, e as bocas sacrilegas cospem a agua salgada do mar. A onda retira-se, deixando as penhas a descoberto, e além nos confins torna a encrespar-se cavernosa e rugiente. Os seus embates são como as tentações de Satanás contra os santos. Sobre a capela voam gransnando as gaiotas, e uma criança, agarrada á corrente, faz tocar a sineta. A santa sai no seu andar profissional, e o manto bordado de oiro, e a coroa de rainha, e as axorcas de muradana resplandecem sob as estrélas. Presbíteros e sacristães recitam gravemente os seus latins, e as endemoninhadas, entre as espumas dum onda, clamam blasfemas:

—Santa tinhosa!
—Santa rabudal!
—Santa saidal!
—Santa empenhada!

Os aldeãos, ajoelhados na praia, contam as ondas: são sete as que deverá receber cada possessa para se ver livre dos espiritos malignos e salvar a sua alma do cárcere obscuro do inferno: são sete, como os pecados do mundo!

III

Ao amanhecer, retomámos o caminho de regresso. Ouvia-se distante o canto de outrosromeitias não dava tréguas aos suspiros, uns suspiros longos e penetrantes, de velha histeria. Morreu poucos dias depois tão criatá, que suas sobrinhas ainda recordam edificadas o milagre.

RAMÓN DEL VALLE-INCLAN.

Tudo Antimilitarista!

Sob o titulo de «Antimilitarista preso», noticiou *Le Journal* a prisão dum ébrio que insultou uns soldados. *La Bataille Syndicaliste* protesta contra o titulo da noticia com algumas boas razões, mas diz também: «Antimilitarista, há tantos como antes da guerra, e há até mais, pois todos os homens válidos de França estão actualmente ligados contra o militarismo alemão.»

De modo que também os soldados alemães são antimilitaristas, pois combatem de armas na mão o militarismo anglo-franco-russo.

E' aliás o que nos diz o social-democrata alemão Heine, guerrista já um pouco arrependido, pois que garante aos ingleses não consentir o povo na occupação definitiva da Bélgica. Num artigo inserido no *Vorwärts*, falando do grande perigo russo que só poderá ser destruido por uma revolução (Ah!) e do engano em que o governo e imprensa da França tem o seu povo, afirma que o que deu aos alemães força para combater contra inimigos muito mais fortes foi a sua crença de que esta guerra é uma «guerra contra a guerra».

Todos antimilitaristas!
Lembra aquella história do borração partidário do antialcoolismo:

—Então tu, membro da Liga Antialcóolica, apóstolo do antialcoolismo...

—Pois por isso mesmo: estou a dar cabo das bebidas todas...

Se esperais que o povo esteja maduro para lhe dar a liberdade, nunca lha dareis.

MACAULAY.